

AS TRANSFORMAÇÕES NOSOGRÁFICAS DA INFÂNCIA POR MEIO DO DSM: DA REAÇÃO ESQUIZOFRÊNICA AO ESPECTRO AUTISTA (APOIO SANTANDER)

Aluna: Silvana Aparecida Cequete Santos

Orientadora: Profa. Marília Franco e Silva Velano

Curso: Psicologia

Campus: Pinheiros

A presente pesquisa de Iniciação Científica tem por objetivo estudar, analisar e identificar as transformações nosográficas sofridas ao longo das cinco edições do DSM - Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM*), resultando em aumento considerável das desordens diagnósticas na trajetória de 61 anos. A história da psicose infantil é marcada por longo período de esquecimento, imersa na psiquiatria adulta. No contexto da psicose infantil, o autismo passou de um sintoma da Reação Esquizofrênica à configuração de uma entidade nosológica autônoma. Leo Kanner (1945) identificou em crianças dificuldade de contato social, cunhando o termo Autismo Infantil Precoce; no entanto, somente em 1968, por meio do DSM II, o autismo surge como sintoma da então denominada Esquizofrenia tipo Infantil. De 1952 a 1980, a classificação das doenças, dentro do DSM, tinha como base a perspectiva psicanalítica e, a partir do DSM III e sua revisão, 1980 e 1987 respectivamente, mudou o critério específico de diagnóstico das doenças para um enfoque descritivo, classificado como Ateórico. Surge a denominação Distúrbio Invasivo do Desenvolvimento, para o autismo e a Esquizofrenia passa a ser considerada rara na infância. O DSM IV (1994) segue permeado pela abordagem empírica. O autismo torna-se conhecido como Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD), sofrendo nova nomeação em 2013, com a quinta edição, para Transtorno do Espectro Autista (TEA), sendo considerado como a principal doença psiquiátrica infantil da contemporaneidade.